

LUGAR DE LGBTQIAPN+ É NA UNIVERSIDADE: DISCRIMINAÇÃO DA DIVERSIDADE POR ORIENTAÇÃO SEXUAL E IDENTIDADE DE GÊNERO

José Amaro da Costa ¹

RESUMO

A construção deste artigo foi inspirada na tese de doutorado em Educação defendida pelo autor, que investigou as violências por orientação sexual e identidade de gênero não convencional, presentes em algumas universidades da cidade do Recife-PE. Para dar conta do objetivo proposto foram utilizadas referências de autores que discutem teoricamente identidade de gênero e sexualidade. Em termos metodológicos, a opção foi por uma natureza qualitativa de escuta e relatos obtidos através de testemunhos, numa amostra intencional de estudantes impactados por violências durante a graduação. Embora violência não seja um tema específico da educação como currículo por exemplo é um tema fundamental em virtude do que gera e dos efeitos no processo ensino e aprendizagem. A abordagem de gênero e sexualidade quando realizada está muito voltada para as séries iniciais da escola, como se na universidade estivesse tudo pacificado. Com Isso, se evidencia na sociedade, incluindo Centros Universitários, lacunas para lidar com a diversidade sexual tangenciada nas distintas faces da homofobia, sendo urgente e oportuno ampliar nesses espaços a desconstrução de uma masculinidade hegemônica fortalecendo a cisheteronormatividade. É um esforço para afirmar a necessidade de uma educação menos utilitarista e mais afetiva. A Universidade embora tenha surgido para a elite, hoje precisa acolher os interessados independente de classe, raça, gênero ou outros marcadores sociais da diferença.

Palavras-chave: discriminação; diversidade sexual; educação universitária.

INTRODUÇÃO

Em pleno século XXI, um tempo considerado pós moderno² e neoliberal³, o ambiente acadêmico, inclusive o brasileiro, ainda convive com valores enraizados na história

¹Doutor em Educação pela Universidad Nacional de Rosario (UNR)- Argentina.

ORCID – 0000-0001-8494-2297

Lattes – <http://lattes.cnpq.br/0122263178880329>

jaja.joseamaro@gmail.com

² Pós-moderno: é esse desencantamento em relação à ideia de um futuro garantido, certo, promovido pelas leis da história, necessariamente melhor, redentor. Ela [a pós-modernidade] é a construção de um presente possível (Lyotard).

A abordagem de Bauman se difere de Lyotard na medida em que o pensador polonês procura explicar as relações sociais a partir (principalmente, mas não unicamente) da sociologia, deixando a análise discursiva, a linguagem, para segundo plano. O autor prefere chamar o tempo em que vivemos de *modernidade líquida*, em vez de pós-modernidade. Não há uma clara ruptura, mas sim uma mudança na continuação da modernidade.

³ Neoliberal é o pensamento que reflete um conjunto de ideias políticas e econômicas capitalistas que defende a não participação do Estado na economia. De acordo com esta doutrina, deve haver total liberdade de comércio (livre mercado), pois este princípio garante o crescimento econômico e o desenvolvimento social de um país. Surgiu na década de 1970, através da Escola Monetarista do economista Milton Friedman. Os críticos ao sistema afirmam que a economia neoliberal só beneficia as grandes potências econômicas e as empresas multinacionais. Os países pobres ou em processo de desenvolvimento (Brasil, por exemplo) sofrem com os resultados de uma

conservadora da humanidade. Para Haddock-Lobo (2018, p.279) “A Academia é um ambiente extremamente machista, misógino e homofóbico, que deve haver para além disso, algum problema estrutural com nossa específica área de saber”.

Nesse sentido, a trilogia famosa composta por **norma**, **disciplina** e **poder** encontra espaço fértil na educação universitária para fortalecer o binarismo homem-mulher; masculino-feminino que, conseqüentemente produzem violências dirigidas ao coletivo LGBTIQAPN+⁴ em virtude da orientação sexual e identidade de gênero. A rigor é uma sustentação de um regime epistemológico com a presunção de heterossexualidade compulsória (Butler, 2018).

Inevitavelmente se torna importante esclarecer que as identidades sexuais constituem as formas como os indivíduos vivenciam suas sexualidades com outros indivíduos, podendo ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais, entre outras. E as identidades de gênero referem-se ao modo como os indivíduos constroem histórica e feminilidades, incluindo os transgêneros – travestis e transexuais (LOURO, 2004). Não há uma unidade, e sim uma dinâmica política, moral, religiosa e cultural para definir o que pode ou não para determinados corpos.

Logo, a luta dos corpos com sexualidades dissidentes que buscam ampliar a diversidade na universidade é legítima e necessária. É razoável e coerente pensar e promover uma educação superior que contribua na formação com pensamento igualitário, não machista, não misógino, não sexista em oposição ao binarismo. Conseqüentemente, uma formação em sintonia com os princípios dos direitos humanos, legitimados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), pela Constituição Federal do Brasil, e com a decisão de criminalizar a homofobia do Supremo Tribunal Federal (STF).

Comprometido com esse debate é que elaborei tese sobre violências sofridas por estudantes de graduação em virtude de orientação sexual e identidade de gênero não convencional em algumas universidades da cidade do Recife-PE. Aproveito a ocasião para ressaltar que esse texto é contagiado por sentimentos do autor que traz na sua trajetória de

política neoliberal. Nestes países, são apontadas como causas do neoliberalismo: desemprego, baixos salários, aumento das diferenças sociais e dependência do capital internacional.

⁴ LGBTIQAPN+ – sigla envolvendo lésbicas, gays, bissexuais, travestis, queer, intersexuais, *assexuais*, *pansexuais*, *não binários* e o (+) simbolizando o caráter aberto, indeterminado e em permanente construção que desafia as estruturas binárias e heterocisnormativas da nossa sociedade (Quinalha, 2022, p.11).

educador, ou melhor de vida, sexualidade não convencional, e se apresenta como um corpo queer-cuir-kuir⁵, diverso do mundo heteronormativo⁶

Metodologicamente, a pesquisa produzida foi de natureza qualitativa, utilizou a história oral (Pollak, 1989) na forma de testemunhos, que se coadunou com os objetivos da investigação e se apresentou como a melhor proposta de realização, por fazer ecoar vozes a uma população subalternizada (Spivak, 2010).

É inegável a aproximação do testemunho com as proposições filosóficas da fenomenologia⁷ de Husserl (2015), o que isenta de comparar relatos e experiências apresentados, por serem únicos. A situação que ilustra bem essa condição está nos discursos apresentados por estudantes e egressos durante o trabalho de campo, composta por uma amostra intencional de 12 participantes, cujas informações foram coletadas em entrevistas com perguntas abertas. Portanto, as entrevistas se constituíram uma narrativa livre, dialética, aparentando proporcionar para alguns uma situação de alívio das violências sofridas. Ressalto aqui que inexistente discurso que apague a experiência, como por exemplo, o das sequelas registradas na educação, iniciadas com o *bullying* nas séries iniciais da escola e que não cessaram nem mesmo na universidade. Dessa forma, ao compartilhar e expressar tensões acumuladas em anos para esses indivíduos de sexualidades dissidentes, serem ouvidos se tornou importante porque valorizou ser quem de fato são.

Todos os entrevistados, em seus relatos, resgataram em suas falas vivências significativas atravessadas na universidade. Algumas mais recentes e outras mais longínquas, cujas narrativas foram permeadas de muitos afetos no conteúdo de suas verdades, contextualizadas com as realidades da vida acadêmica, pessoal e social que a vida colocou. Uma aproximação total com a metodologia em questão, principalmente quando o escritor cubano Barnet, (1969:1981) menciona que “escrever testemunhos é desenterrar histórias reprimidas pela história dominante, abandonar o eu burguês para permitir que os testemunhais falem por conta

⁵ Queer-cuir-kuir – expressão utilizada pela argentina Val Flores, escritora, professora, *ativista* da dissidência sexual e entusiasta de pedagogias antinormativa decolonizando o vocábulo anglófono *queer* que é uma prática de vida que vai contra as normas estabelecidas pela sociedade, em que as pessoas que eram consideradas estranhas, garantem espaço no meio social e pontuam sua individualidade, rompendo sua caracterização de conceitos marginais para se discutir sobre as identidades não binárias, o que foge da relação de sexo biológico com gênero.

⁶ Heteronormativo - De acordo com Richard Miskolci, é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. É uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade

⁷ Fenomenologia – É o estudo da consciência ou do modo como as coisas aparecem para nós. Para Husserl o mundo tal como ele é vivido na consciência. Em termos amplos diz respeito ao modo como a mente percebe o que é externo a ela, isto é, a sua percepção de essências das coisas. (SALIH, 2019, p.33)

própria [...] e que produz uma solidariedade entre o intelectual e o cidadão que reduz a alienação endêmica na vida cotidiana das sociedades contemporâneas”.

Entrevistados violentados, ao entrarem em contato com suas histórias acadêmicas para relatarem, estiveram sempre dispostos a contribuir com essa Tese. Algumas vezes o sentimento de dor apareceu e chorar integrava parte desse momento, a partir das lembranças ativadas nas memórias da universidade antecedidas pela escola. Foram experiências difíceis, porém muito mais difícil era não poder compartilhar em casa, por vergonha da sexualidade ou medo de revelá-la, lhes restando conviver com as rejeições e as violências instauradas na rua e na própria família. Toda essa situação requeria do entrevistador na coleta do testemunho, empatia para o relato, necessidade de interrupção diante da fragilidade apresentada, com acolhimento necessário que permitisse nos momentos seguintes prosseguir com a entrevista.

O ingresso na universidade enquanto estudante em geral coincide com o início da idade adulta, fase plena da sexualidade. Para os que vivem sexualidade dissidente, a universidade muitas vezes se configura como ambiente hostil, de interações difíceis e violentas nas relações estabelecidas. A rejeição da população LGBTQIAPN+ explícita ou sutil, faz emergir fofocas, piadinhas e tirania por uma gente bastante incomodada pela simples presença deles no ambiente, que deveria ser progressista, mas de fato é conservador.

No campus, alguns estudantes ao se depararem com duas mulheres de mãos dadas ou se acariciando desperta incômodos e julgamentos. Essa mesma condição se amplia ao visualizar dois rapazes nas mesmas circunstâncias, com ou sem traços de feminilidade. Nos corredores, o discurso contendo piadinhas sobre gays entre os amigos vai ganhando espaço e chega na sala de aula, que dependendo dos componentes da turma o preconceito ganha fôlego com gestos, expressões inconvenientes; gracejos nos banheiros e até pichações acusatórias causando violências e comprometendo a formação acadêmica dessa população implicada desse contexto.

A injúria homofóbica provoca traumas que ficam gravados na memória e no corpo, visto que a vergonha, timidez, insegurança são atitudes corporais, resultantes da hostilidade do mundo exterior ou social. Logo, um dos efeitos da injúria é a reconstrução da personalidade, da subjetividade e do próprio ser, que depreende o remodelamento da relação com os outros e com o mundo. Nesse quadro, a violência em estado puro, representada como homofobia psicológica, não é nada mais que a internalização paradigmática de atitudes e comportamentos contra os/as homossexuais, bissexuais, transgêneros, intersexuais e outros sujeitos que possam ser identificados com esse grupo (Borrilo, 2009). Além disso, acrescenta que:

Outras manifestações menos grosseiras, mas não menos insidiosas, exercem suas violências cotidianamente. Essa outra face da homofobia, mais eufemística e de

caráter social, tem suas raízes na atitude de desprezo constitutiva da forma ordinária de temer e categorizar o outro. Se a homofobia afetiva (psicológica) se caracteriza pela condenação da homossexualidade, a homofobia cognitiva (social) pretende simplesmente perpetuar a diferença homo/hetero, pregando a tolerância, uma clemência policiada dos ortodoxos para com os hereges. Nesse caso, não há rejeição aos homossexuais; no entanto, não choca ninguém o fato de eles não gozarem dos mesmos direitos que os heterossexuais (Borrilo, 2009, p20).

O caminho da mudança está na educação, similar ao que Mandela em 2003 quando proferiu essa frase: “A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo” principalmente na construção de valores mais humanos e menos receptivos a violências, um tema que vamos aprofundar a seguir:

Violências

A violência envolve não somente a dor física, mas “dor na alma”. Uma violência imposta às custas da humilhação e da dor alheia, por si só, pode ser considerada uma violência simbólica, porque “[...] mesmo não ferindo o corpo, ferem a sensibilidade e as emoções” (Caetano, 2009), por conta da obrigatoriedade de torná-lo um “homem igual a eles” e informar aos demais estudantes da escola como elas e eles devem agir em relação a sua sexualidade.

Miskolci (2006) afirma que em contextos predominantemente machistas, a violência simbólica costuma ser incentivada porque em nossa sociedade, a masculinidade se constrói em oposição à homossexualidade, visto que pressupõem-se existir um vínculo desta identidade com a feminilidade. Deste modo, rapazes são ensinados a ser homens (heterossexuais) tanto hostilizando os gays, quanto rejeitando em si qualquer tipo de aproximação a outro homem pelo medo de uma possível efeminação.

Logo, entender e conviver com os conceitos de diversidade, homofobia e heteronormatividade são essenciais, para emergir uma escola acolhedora e tolerante capaz de replicar no mundo do trabalho tais comportamentos

Para corroborar, entendemos a violência no seguinte caminho, a partir da produção do discurso, tendo como referência poderes e perigos trazidos por Foucault:

(...) que em toda sociedade toda produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (Foucault, 2000, p.9).

Foucault se faz atual e a sociedade do século XXI até iniciou no Brasil um discurso progressista de temas completamente tradicionais, entre eles o da diversidade sexual. A mídia escancarou esse assunto em jornais, reportagens nas revistas semanais, teledramaturgias,

roteiros cinematográficos, eventos de rua e pauta de diferentes seminários nas esferas políticas, educacionais e religiosas. Tudo parecia caminhar para uma agenda positiva na sociedade sem mais causar estranhamento e desconforto para superar esse tabu na questão de gênero.

De fato, temos alguns avanços, mas ainda nos encontramos distantes para convivermos pacificamente com o tema, seja nas relações familiares, ou em ambientes tradicionais, incluindo-se aqui a Universidade. Indignado com essa situação e inspirado nas leituras de Foucault (2008) e Butler (2020) me impulsionaram para contribuir na ampliação desse debate na área da educação, em especial a do espaço universitário, cujo mapa educativo está em constante transformação. Compreender as marcas da discriminação (quebra do princípio da igualdade em que se fomenta distinção, exclusão, restrição ou preferência), derivando violência, riscos de fracasso na formação acadêmica e de autoflagelo, tudo motivado pelo preconceito, que alicerça a discriminação e faz emergir a intolerância da diversidade sexual, onde tradicionalistas utilizam um discurso heteronormativo em esferas significativas da sociedade (educação) para oprimir.

Sendo assim, a discriminação pode ser entendida como fruto e manifestação do preconceito, do estereótipo e, portanto, como produto de uma cultura, que serve para organizar o espaço de interação (Bourdieu, 1998), expõe a relação de poder dos processos discursivos da construção das identidades e demonstra como lidamos com as diferenças (...), Veiga-Neto (2004) ajuda-nos a compreender como as diferenças podem resultar em práticas de exclusão. Mais do que isso, como essas práticas, que também incluem a discriminação, podem ser pensadas como obsessão pela diferença (Ferrari, 2003. p.89).

É necessário um debate quanto ao reconhecimento das diferenças e respeito a diversidade de gênero, mediante condições igualitárias, isto é, sem desprezo, afastamento, exposição ao ridículo, chacotas, nem piadas pretensamente inócuas ou comentários bem humorados, que estigmatizam e dificultam o convívio na relação ensino-aprendizagem da graduação por conta da condição sexual.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

- E sobre o professor LGBTQIAPN+ na Universidade?

Ao se falar de Universidade, somos levados a uma condição de imaginar grandes debates e de tamanha relevância de ideias em âmbito nacional e internacional, na busca da evolução da sociedade, tanto que os alunos recém ingressados vão evoluindo na sua jornada e se às vezes, não estão preparados para esta realidade, aos poucos, são inseridos em um novo

ambiente que os instigue a pensar de forma mais ampla, universalizando conhecimentos e livres de preconceitos.

No Brasil, predomina o clima amistoso entre universitários, o que não significa dizer ausência de discriminação. Por isso, ter um colega de classe gay, motiva, determinadas vezes, aproveitar-se para desfrutar de risos e ironias. Mas, e o professor, se assume perante colegas e alunos? Não. Muitos professores homossexuais preferem omitir sua orientação para evitar conflitos, retaliações ou possíveis constrangimentos na educação. Não só por parte dos alunos, mas dos colegas docentes e, ainda, por funcionários das instituições. "Certamente gays e lésbicas professores vivem presos dentro da gaveta do enrustimento. Têm medo de se assumir, com medo de serem demitidos ou terem sua carreira prejudicada", revelou o ativista baiano e doutor em Antropologia, Luiz Mott.

Com essa informação, particularmente observo que na esfera pública como o ingresso do professor ocorre por concurso público, a quantidade e a condição assumida são bem mais explícitas do que na iniciativa privada. O propósito que apresento aqui, é o de gerar incômodos na sociedade para não atribuir naturalidade e continuarmos convivendo com a seguinte situação: a de um professor gay na área de educação física que foi demitido, onde ele alegou ser um "funcionário exemplar, inexistindo qualquer razão para a dispensa que não o preconceito". A escola justificou que recebeu um abaixo-assinado de pais de alunos que não queriam que o professor tivesse contato com seus filhos adolescentes. Na prática, não se aceita e nem se respeita a orientação sexual.

A situação se torna mais densa e mais complexa, no caso de travesti: filha de agricultores analfabetos do município de Morada Nova, interior do Ceará, Luma Andrade enfrentou grandes desafios até chegar o dia de receber das mãos da reitora da Unilab⁸ o termo assinado de sua posse. A educadora, com doutorado obtido em 2012 pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, era na ocasião a única travesti a ter o título de doutora no país. Antes, ela era professora concursada da rede estadual de ensino e trabalhava como superintendente escolar da Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

“Busquei na educação formas de superar as dificuldades financeiras, sociais e, principalmente o preconceito por ser travesti. Hoje é um dia de vitórias, conquistas e superação. É um momento simbólico de libertação e respeito aos direitos humanos. É um marco para o

⁸ UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

movimento LGBT. Assim como os negros são discriminados, nós também sofremos discriminação social”, comentou.

- Relatos de discriminação nas diversas áreas do conhecimento

"...O cara vira designer porque não foi macho o suficiente para fazer arquitetura e nem bicha o suficiente para fazer artes plásticas!" Comentários nessa linha não se sustentam mais, exceto pelo preconceito que se carrega, uma vez que LGBTQIAPN+ estão presentes em todas as profissões, seja nas áreas da Saúde, Agrária, Humanas ou Exatas. É preciso desconstruir essa ideia que permeia o senso comum e o imaginário da sociedade que o lugar das sexualidades dissidentes é nas profissões como cabeleireiro, maquiador, artes, comunicação, ou qualquer outra profissão voltada ao social. Outra fonte registra que no mundo, o percentual da população gay é muito maior do que temos notícia. E se hoje não é plenamente identificada é em virtude do preconceito existente. O que deixa e reforça a tese de que há gays em todos os lugares, inclusive em carreiras como medicina, Física Nuclear, Geofísica e informática entre outras.

Aluna de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFPE

(...) em relação à violência relacionada ao campus.... assim, eu não era tão assumida lá, na época. Então eu não sofri muito. Mas eu via pessoas que declaravam a sexualidade, e o pessoal realmente, assim. Tinha gente que...tinham pessoas que tinham preconceito, que agiam diferente, só pelo fato de a pessoa ser homossexual e tal. Mas também tinha um acolhimento

De fato, nos centros de Ciências Sociais e Humanas há uma população LGBTQIAPN+ mais evidente do que nos centros de Ciências Exatas assim como a participação da mulher e isso tende a mudar, decorrente das pressões sociais e das mudanças culturais. É como se a sexualidade estivesse atrelada ao desempenho no meio acadêmico e profissional, áreas ligadas ao "cuidar" continuam sendo majoritariamente ocupadas pela força feminina, enquanto as que exigem raciocínio rápido e preciso permanecem atreladas ao sexo masculino.

Colocando desta forma até parece que mulher não pensa e homem não sente, é mais ou menos assim que a sociedade dividia homens e mulheres a fim de manter um equilíbrio: razão e emoção. Quem nunca ouviu falar que os homens são racionais e as mulheres emotivas? Uma forma encontrada pela sociedade, desde os primórdios, para estabelecer os papéis dos diferentes indivíduos na sociedade. Com a emancipação da mulher, o que era refletido apenas nas atividades domésticas, se estendeu para o meio profissional", explica a antropóloga da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Gilse Rodrigues.

Segundo a antropóloga, a divisão razão e emoção vem reforçar o imaginário de que o homem é a figura forte e a mulher a sensível, polos determinantes para o sucesso de ideais como, por exemplo, a família, tão valorizada pelas camadas sociais dominantes na antiguidade, representada majoritariamente - ainda que não exclusivamente - pela igreja e seus dogmas. "O que cabe ao homem e a mulher são tarefas que sofrem influência cultural e de organização social. Mesmo as sociedades mais primitivas e tribais estabelecem os mesmos papéis para ambos os sexos", lembra Gilse.

Estudante de Gastronomia da UFRPE

(...), mas eu fui literalmente tirado do armário dentro da instituição, porque você passa por diversas situações de deboche, de falas, de olhares, de piadinhas de outros alunos.

Eu passei por muitas situações assim, com outros alunos, da própria turma...é...na época. Eu tentava relevar, mais enfim, chegou um tempo que se tornou insuportável, né!

Você vai aguentando, assim, em doses homeopáticas. Até que se torna insustentável a situação, até para o seu psicológico.

O desejo primitivo de promover violências se utiliza da identidade para consumir explicitamente o seu ódio. O disfarce de deboches e de piadas revela a forma grosseira de agredir em nome da falsa moralidade e em defesa de uma cisheteronormatividade compulsória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise dos testemunhos, elaborei o percurso das violências em um entendimento pessoal, na seguinte escala gradual quadrática: preconceito, opressão, discriminação e intolerância e em tipologias como: violência institucional, simbólica, gestual, psicológica, verbal, lgbtfóbica, sutis e sofisticadas entre outras

Percebe-se através das referências consultadas que em alguns centros/departamentos universitários (Ciências Sociais e Humanas) tendem a uma convivência mais tranquila, em outros (Exatas, Saúde e Agrárias), nem tanto, pelos relatos veiculados em reportagens e mídias digitais.

As articulações realizadas neste artigo são sobre as várias e intensas formas de violências envolvendo estudantes universitários durante o seu período de formação. Essas violências traduzidas em piadas homofóbicas, preconceitos sutis ou amplamente manifestados fazem emergir na Universidade um ambiente hostil e comprometedor no processo de formação acadêmica, prejudicando a concentração nas atividades, o processo de aprendizagem e o

estabelecimento de relações interpessoais, tendo como consequências: abandono das carreiras pelos estudantes e, em algumas situações, suicídios.

A solução passa por avançar no abandono do pensamento reducionista e binário sobre gênero e sexualidade da escola até a universidade, com a inclusão do tema diversidade sexual na pauta curricular com ações pedagógicas concretas e transformadoras para os alunos.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: **ABGLT**, 2016.

BIMBI, B. El fin del armario. Lesbianas, gays, bissexuales y trans en el siglo XXI – 1ª ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: **Marea**, 2017.

BORRILLO, D. A homofobia. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora (Org.). Homofobia & educação: um desafio ao silêncio. Brasília: **Letras Livres**, 2009.

BORDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro, RJ: **Bertrand Brasil**. 2005

BUTLER, J. Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2018.

CAETANO, M. Currículos praticados e a construção da heteronormatividade. In: **Reunião Anual da ANPEd**, 32, 2009, Caxambu.

Disponível em: <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT12-4764--Int.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2023

CAMINO, L. et.al. A face oculta do preconceito no Brasil: uma análise psicossociológica. *Revista Psicologia Política*, 2001, 1 (1), 13-36.

CASTRO, M. G., Abramovay et. Al. B. Juventudes e sexualidades. Brasília: **Unesco**, 2004.

CARVALHO, M. E. P. de; RABAY, G.; BRABO, T. S. A. M. Direitos humanos das mulheres e das pessoas LGBT. In: FERREIRA, L. de F. G., ZENAIDE, M. de N. T., DIAS, A. A. (Orgs.) Direitos Humanos na Educação Superior: subsídios para a educação em direitos humanos na pedagogia. João Pessoa: **Editora Universitária da UFPB**, 2010. p. 231-276.

FOUCAULT, M. El orden del discurso – traducido por Alberto Gonzalez Troyano, 1ª ed. 2ª reimpr. Buenos Aires: **Tusquets Editores**, 2008.

FOUCAULT, M. Hermenéutica del sujeto. La Plata, Argentina: **Altamira**, 2012

FERRARI, A. “ESSES alunos desumanos”: A construção das identidades homossexuais na escola, artigo da revista Educação & Realidade - ISSN 0100-3143 (impresso) e 2175-6236 (online) páginas 87-111, **UFRGS** - Porto Alegre, RS, 2003

HADDOCK-LOBO, Rafael. A filosofia no terceiro gênero – O indecível para além da soberana sexualidade. *Problemata*, **Revista Internacional de Filosofia da UFPB**. V.9, n.2 (2018), pp.270-282

GALAN, J.I. P. Entender la diversidad familiar: Relaciones homosexuales y nuevos modelos de familia. **Ed. Bekkaterra**. Espanha, 2009.

LOURO, G. L. *Um Corpo Estranho – Ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: **Autêntica Editora**, 2004.

MARELI, E. G. – Cleci Terezinha Lima de Lins. Educação | Santa Maria | v. 43 | n. 1 | p. 141-156 | jan /mar. 2018. ISSN: 1984-6444 <http://dx.doi.org/10.5902/1984644427530>

MISKOLCI, R. A vida como obra de arte: Foucault, Wilde e a Estética da Existência. In: Scavone, Alvarez, Miskolci (Org.) *O Legado de Foucault*. São Paulo: **Editora Unesp**, 2006.

MISKOLCI, R. Corpos Elétricos: do assujeitamento à estética da existência. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: **IEF**, 2006a.

MOSCOVICI, S., & Pérez, J. A. (1999). A extraordinária resistência das minorias à pressão das majorias: o caso dos ciganos. In J. Vala (Coord.), *Novos racismos: perspectivas comparativas* (pp.103-119). **Oeiras**: Celta.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. *Revista Estudos Históricos da FGV*. Rio de Janeiro: v.2 n.3 1989 pp3-15

QUINALHA, Renan. *Movimento LGBTQ+: Uma breve história do século XIX aos nossos dias*. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2022.

SANTOS FILHO, I. I. *Processos de pesquisa em linguagem, gênero, sexualidade e (questões de) masculinidades – 1ª ed.* **Pipa Comunicação**, 2017.

SIERRA, J. C. Tese de doutorado da UFPR Marcos da vida viável, marcas da vida vivível: o governo da diversidade sexual e o desafio de uma ética/estética pós identitária para teorização político educacional LGBTQ – Curitiba-2013

SPARGO, T. Foucault e a teoria queer: Seguindo de Agape e extase: orientações pós seculares /tradução Heci Regina Candiani; 1ª ed. Belo Horizonte: **Autentica Editora**, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: **Editora UFMG**, 2010.

VEIGA-NETO, A. Foucault, um diálogo. Entrevista. In: VEIGA-NETO, Alfredo; FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Foucault, um diálogo*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 7-25, jan/jun. 2004.